

**Política, briga e imprensa:  
Críticas à Felipe Schmidt através do jornal *República***

Elisabete Weber Scharf  
[betews@yahoo.com.br](mailto:betews@yahoo.com.br)

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: Desde o início do século XIX, as idéias republicanas já circulavam em Santa Catarina, principalmente através de periódicos. Após a Proclamação da República, o Partido Republicano se consolidou no estado. Porém, os republicanos encontravam-se divididos em duas alas: uma de Lauro Muller e outra de Hercílio Luz. Com a eleição de Felipe Schmidt para governador de Santa Catarina, em 1898, as disputas políticas entre os dois grupos se acirraram. Esse embate foi levado à população através de dois jornais: "*República*", da ala Hercilista e "*O Dia*", criado em 1901, da ala Laurista. O jornal *República* trabalha com colunas periódicas como "*O Phantasma*", através da qual aparecem as críticas a Felipe Schmidt. Levando em conta o contexto político da época e as colunas destacadas do jornal, podemos fazer uma discussão sobre o periódico como fonte histórica.

Palavras-chave: República catarinense; Imprensa; Felipe Schmidt; Jornal República

Abstract: Since the early nineteenth century, the republican ideas already circulated in Santa Catarina, mainly through newspapers. After the Proclamation of the Republic, the Republican Party was established in the state. However, Republicans were divided into two: one of Lauro Muller and another of Hercílio Luz. With the election of Felipe Schmidt for Governor of Santa Catarina, in 1898, the political disputes between the two groups increased. This clash was brought to the population through two newspapers: "Republica" that belonged for the *Hercilistas* e "*O Dia*", crated in 1901, that belonged for the *Lauristas*. The newspaper *República* works with periodic columns like "The Phantasma", through which appears criticisms to Philip Schmidt. Considering the political context of the time and the highlighted columns of the newspaper, we can make a discussion about the journal as a historical source.

Keywords: Catarinense Republic; Press; Felipe Schmidt, The "Republic".

Politics, fight and press: criticizes to Felipe Schmidt through the newspaper *República*

A Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, abre o período da política brasileira denominado de República Velha, que dura até 1930. Porém, o pensamento republicano já aparece em 1831 na imprensa da capital de Santa Catarina através do jornal "*O Catarinense*" no texto de Jerônimo Coelho.<sup>1</sup> Este condena a monarquia, mas não defende abertamente a república, mostrando-se cauteloso. Seria o início da circulação de idéias republicanas em Desterro.

Mais tarde, em 1838, Santa Catarina faria parte do Movimento Farroupilha, que perdurou entre os anos de 1835 à 1845 em que foi proclamada a República Rio-Grandense. O

---

<sup>1</sup> MEIRINHO, Jali. *República e Oligarquias: subsídios para a história catarinense: 1889-1930*. Florianópolis: Insular, 1997, p. 13.



levante republicano que iniciou-se na província do Rio Grande do Sul chegou a Santa Catarina por Laguna, sendo fundado o "Estado Catarinense Republicano Constitucional, Livre e Independente". Após quatro meses, a República Catarinense foi dissolvida pelas tropas imperiais, diminuindo assim as ações republicanas de Santa Catarina.

Até a queda definitiva da Monarquia, Santa Catarina contará com jornais como "*Jornal do Comércio*", com orientação de Emílio Blum,<sup>2</sup> "*A Voz do Povo*", de José Coutinho,<sup>3</sup> e "*O Independente*", comandado pelo padre Manoel Miranda da Cruz,<sup>4</sup> para manter os ideais republicanos. Além de diversos jornais, foram fundados clubes republicanos como o *Clube Esteves Junior*, em Desterro. Daí em diante, estes se mantiveram defendendo, ainda que timidamente, os ideais republicanos até a Proclamação da República no Rio de Janeiro.

O presidente republicano Deodoro da Fonseca indicou Lauro Severiano Muller como primeiro governador do Estado de Santa Catarina. Tenente Engenheiro formado na Escola Militar e tendo sido aluno de Benjamim Constant, Lauro Muller, natural de Itajaí, foi três vezes governador do estado, mas sempre abriu mão do cargo dando preferência a cargos federais, sendo três vezes deputado federal e senador de 1900 a 1923.<sup>5</sup> Lauro Muller era considerado o Chefe Supremo do partido republicano em Santa Catarina e exercia forte influência nas escolhas de candidatos do partido, que se dividia em duas alas: uma Laurista e outra Hercilista.

Hercílio Pedro da Luz, natural de Desterro, foi por três vezes governador do Estado e três vezes Senador, sendo que sua política diferia de Lauro Muller por ser considerado mais um administrador que um legislador. Hercílio Luz se destacou na política catarinense quando, em 1893, organizou, em Blumenau, a defesa do Estado contra a Revolução Federalista que havia colocado no governo Manoel J. Machado, opositor do governo do então presidente Floriano Peixoto. Após este levante em defesa da República, Hercílio Luz se consagra como grande líder político, diferenciando-se de Lauro Muller por sua participação mais ativa no estado. As indicações a cargos federais cabiam a Lauro Muller, enquanto Hercílio Luz era responsável pelas indicações estaduais, mostrando assim a bipolaridade do partido Republicano em Santa Catarina.

Após o governo de Hercílio Luz (1894-1898), seu sucessor foi Felipe Schmidt (1898-

---

<sup>2</sup> *Idem.* p. 29.

<sup>3</sup> *Idem.* p. 31.

<sup>4</sup> *Idem.* p. 39.

<sup>5</sup> MEIRINHO, Jali e JAMUNDÁ, Theobaldo Costa. *Nomes que ajudaram a fazer Santa Catarina.* Florianópolis: EDEME, p. 13.



1902), da ala de Lauro Muller. Felipe Schmidt era natural de Lages, nascido em 04 de maio de 1860, era primo-irmão de Lauro Muller e engenheiro militar.<sup>6</sup> Durante o período de seu primeiro mandato é que fica declarada a oposição entre os Lauristas e os Hercilistas, uma vez que Felipe Schmidt indica os novos nomes aos cargos estaduais, que caberiam a Hercílio Luz. O jornal *República*, que desde 1896 era órgão oficial do Partido Republicano<sup>7</sup>, faz severas críticas a Felipe Schmidt e, para se defender, este cria, em 01 de janeiro de 1901, o jornal *O Dia*.<sup>8</sup> Assim, têm-se aberta na imprensa a disputa entre as duas alas do partido Republicano na política catarinense.

Do mesmo modo como existem diferentes tipos de imprensa, há também diferentes maneiras de analisá-la. Maria Helena Rolim Capelato mostra que a imprensa está presente na história com o objetivo de informar e registrar, mas com a finalidade maior de garantir um público leitor.<sup>9</sup> Assim, é imprescindível que se façam certas perguntas à fonte como: Quem produziu o jornal? Para quem? Quando? Como? Tratando exclusivamente da edição do jornal *República* de 1902, essas perguntas começam a ser respondidas a partir do nome do jornal estampado na capa: *Republica – Orgam do Partido Republicano Catharinense*. Sendo assim, o jornal em questão foi produzido pelo partido republicano, mas era porta-voz da ala Hercilista uma vez que um dos proprietários do periódico era o próprio Hercílio Luz.<sup>10</sup> Retomando o contexto político apresentado acima, percebemos a importância do jornal *Republica* no momento em que os grupos políticos estão se firmando em todo o estado de Santa Catarina.

Analisando a edição do jornal *República* de 05 de janeiro de 1902 encontramos uma coluna intitulada *O Phantasma*, escrita com a função de criticar abertamente o governo de Felipe Schmidt:

#### O PHANTASMA

Cada dia que passa corresponde à perda de um amigo.

Quer queira, quer não queira Felipe Schmidt deixará o governo de hoje a 266 dias coberto de vergonha e da maldição da sociedade catarinense.

O Polycarpo Banana, que ainda hontem dizia faltar apenas 267 dias,

<sup>6</sup> *Idem*. p. 98.

<sup>7</sup> O jornal *República* foi fundado em 19 de novembro de 1889, sendo suspenso em janeiro de 1892. Em março do mesmo ano voltou a circular, agora sendo de propriedade de um sindicato. Foi submetido a órgão do Partido Republicano Federal em 1896. Disponível em:

<http://www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/cd3/midia/marioluizfernandes.doc>

<sup>8</sup> CORRÊA, Carlos Humberto. *Um Estado entre duas Repúblicas: a revolução de trinta e a política em Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1984, p. 19.

<sup>9</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988. p. 15.

<sup>10</sup> CORRÊA, Carlos Humberto. *Um Estado entre duas Repúblicas*. Op. Cit., p. 19.



continuando nas suas, poderá afirmar que nunca faltou tão pouco tempo.<sup>11</sup>

A coluna estava presente em todas as edições do jornal como uma espécie de contagem regressiva para o fim do mandato de Felipe Schmidt, apresentando o mesmo formato durante meses e mudando apenas o número de dias para o término do governo.

Uma outra coluna acompanhava *O Phantasma* com a função de registrar o número de dias que Felipe Schmidt tinha tomado posse e lembrar a precariedade que se encontrava o estado de Santa Catarina, segundo a visão do jornal, ou, neste caso, segundo a visão da ala Hercilista do partido Republicano Catarinense:

1206

Fazem hoje 1206 dias que Felipe Schmidt assumiu o governo.

O Estado, arruinado, envelhecido, contorce-se em desespero. Todos os seus serviços estão em anarquia, todas as suas rendas reduzidas, o seu crédito morto.

Para o governo isto pouco importa, uma vez que o seu chefe fez jus a 76:000\$000 (sic).<sup>12</sup>

Mais tarde, a coluna *O Phantasma* mudou seu formato, apresentando a cada edição um “versinho” diferente, mas continuou com a mesma função de denegrir a imagem do governador do estado:

PHANTASMA

Felippe, 891

Repara, tudo se move,

Só tu não te moves, não;

Mesmo p’ra nada tens jeito,

Por isso nada tens feito,

Sempre o mesmo ramerrão.

891 Não penses

Ser o da revolução,

São os dias que faltam

P’ra ires de trambolhão.<sup>13</sup>

As colunas citadas acima eram uma constante nas páginas do jornal *Republica*. A partir delas, podemos perceber de que maneira eram mostrados à população os entraves políticos de Santa Catarina, já que entendemos que as formas pelas quais as idéias aparecem nos jornais representam o contexto de determinada época, ou seja, “a leitura dos discursos

<sup>11</sup> *Jornal Republica*, Florianópolis, 05 de janeiro de 1902. n. 38, p. 2.

<sup>12</sup> *Idem*, Florianópolis, 19 de janeiro de 1902.

<sup>13</sup> *Ibidem*, Florianópolis, 02 de julho de 1902.



expressos nos jornais permite acompanhar o movimento das idéias que circulam na época”.<sup>14</sup> Contudo, é importante destacar que o uso de jornais como fontes históricas devem ser tratados com certa cautela já que nenhum periódico se apresenta com objetividade e imparcialidade. Segundo Tânia de Luca,

de fato, os jornais e revistas não são, no mais das vezes, obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de idéias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita.<sup>15</sup>

Deste modo, percebemos a importância do periódico como fonte histórica não só para se ter conhecimento do que se era noticiado na imprensa em determinada época, mas para se entender questões mais complexas. Uma dessas questões é compreender como se dava a circulação de idéias no período específico do jornal. No caso do jornal *Republica*, esse contexto era o início do século XX, denominado República Velha, no qual esse modo de governo tentava se firmar. Mais especificamente em Santa Catarina, esse início da República foi marcado pela briga política que separava o partido republicano em duas alas. Uma vez que a fonte histórica aqui utilizada era o principal porta-voz da ala hercilista, tem-se que levar em conta não só quem os proprietários do jornal desejavam atingir, mas também a visão que estes passavam para a população em geral. Sendo os jornais espaços de sociabilidade das elites, eram os espaços nos quais apareciam os pensamentos políticos e onde a pequena parte da população – que tinha acesso a periódicos – se baseava para acompanhar as mudanças na vida política da capital.

#### Fontes

Acervo Biblioteca Pública Estadual de Santa Catarina

*Jornal Republica*, Florianópolis, 05 de janeiro de 1902.

\_\_\_\_\_, Florianópolis, 19 de janeiro de 1902.

\_\_\_\_\_, Florianópolis, 02 de julho de 1902.

<sup>14</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e História do Brasil*. Op. cit., p. 34.

<sup>15</sup> LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassnezi. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 140.



## Referências Bibliográficas

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e história do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CHEREM, Rosângela Miranda. Do sonho ao despertar: expectativas sociais e paixões políticas no início republicano na capital de Santa Catarina. In: BRANCHER, Ana e AREND, Silvia Maria Fávero (org.) *História de Santa Catarina no século XIX*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006.

CORREA, Carlos Humberto P. *Um Estado entre duas Republicas: a revolução de 30 e a política de Santa Catarina até 35*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1984.

\_\_\_\_\_. *Os governantes de Santa Catarina*. Florianópolis: UFSC, 1983.

LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo*. 3. ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976.

LUCA, Tânia R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

MEIRINHO, Jali. *A República em Santa Catarina: (1889-1900)*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1982.

\_\_\_\_\_. *Repúblicas e Oligarquias: Subsídios para a história catarinense (1889-1930)*. Florianópolis: Editora Insular, 1997.

MEIRINHO, Jali e JAMUNDÁ, Theobaldo C. *Nomes que ajudaram a fazer Santa Catarina*. Florianópolis: EDEME.

FERNANDES, Mario Luiz. Disponível em:

<http://www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/cd3/midia/marioluizfernandes.doc>

